

## CAPÍTULOS DA HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA REGISTRADOS EM CARTAS

■ ALAN JOSÉ ALCÂNTARA DE FIGUEIREDO

<https://orcid.org/0000-0001-5960-8035>

Universidade do Estado da Bahia

### RESUMO

Este artigo é o resultado de uma leitura de textos epistolares – cartas, bilhetes, telegramas, cartões –, trocados e acumulados em mais de seis décadas por uma família do interior da Bahia. Estudos, casamentos, nascimentos, mortes, fofocas familiares e da cidade vão desfilando e criando um enredo envolvente cujas personagens são pessoas comuns. O autor toma por base metodológica os pressupostos da narrativa biográfica, um modo de investigação que se inscreve entre as possibilidades da pesquisa qualitativa. Utiliza como base teórica estes autores: Josso (2008); Silva e Costa (2008); Camargo (2011); Santos (2016); e Castillo Gómez (2021). O texto está dividido em 12 seções, sendo que as três primeiras são teóricas e as demais se dedicam à leitura das cartas propriamente ditas, entrelaçando-as a partir dos conteúdos que vão sendo abordados.

**Palavras-chave:** narrativa biográfica; cartas; epistolografia familiar.

### ABSTRACT

### CHAPTERS OF A FAMILY HISTORY REGISTERED IN LETTERS

This article results from the reading of epistolary texts (letters, notes, telegrams, cards), exchanged and accumulated over more than six decades by a family in the interior of Bahia. Studies, marriages, births, deaths, family, and city gossip are happening one after another and creating an engaging plot whose characters are ordinary people. The author takes as a methodological basis the assumptions of biographical narrative, a mode of investigation that is part of the possibilities of qualitative research. It uses as theoretical basis these authors: Josso, Silva and Costa, Camargo, Santos and Castillo Gómez. The article is divided into twelve sections, the first three of which are theoretical, and the others are dedicated to reading the letters themselves, intertwining them based on the contents that are being addressed.

**Keywords:** biographical narrative; letters; family epistolography.

## RESUMEN    **CAPITULOS DE UMA HISTÓRIA FAMILIAR INSCRITA EM LETRAS**

Este artículo es el resultado de una lectura de textos epistolares (cartas, notas, telegramas, tarjetas), intercambiados y acumulados durante más de seis décadas por una familia del interior de Bahía. Estudios, matrimonios, nacimientos, defunciones, familia y cotilleos ciudadanos van desfilando y creando una trama atrapante cuyos personajes son gente corriente. El autor toma como base metodológica los presupuestos del relato biográfico, modo de investigación que se inscribe entre las posibilidades de la investigación de la investigación cualitativa. Utiliza como base teórica estos autores: Josso (2008), Silva y Costa (2008), Camargo (2011), Santos (2016) y Castillo Gómez (2021). El texto se divide en doce apartados, los tres primeros son teóricos y los restantes se dedican a la lectura de las propias letras, entrelazándolas en función de los contenidos que se van abordando.

**Palavras clave:** narrativa biográfica; tarjetas; epistolografia familiar.

### “É com prazer que pego na pena...”

Até meados do século XX, no município de Macaúbas (BA) – e não deveria ser muito diferente em outros rincões brasileiros – “ler e escrever uma carta” era índice de alfabetização. Naquele período, para suprir a enorme carência de escolas de primeiras letras, era comum que pais de uma determinada área rural se consorciassem e contratassem um professor leigo para ensinar os analfabetos daquela região – crianças, jovens e adultos – as quatro operações fundamentais da matemática e, como dito, ler e escrever uma carta. Do objetivo geral do trabalho pedagógico desses professores, fica claro o pragmatismo do ensino que se desejava, pois o pequeno comércio de subsistência exigia habilidades com somar, subtrair, multiplicar e dividir na feira semanal e as habilidades com o gênero epistolar permitiam a comunicação entre parentes distantes amenizando saudades, conservando vínculos não somente familiares, mas também comuni-

tários; as cartas e bilhetes também eram úteis para assuntos financeiros como cobrança ou prestação de contas.

A proposta para este artigo é uma análise, inicialmente, de um conjunto de 130 correspondências de uma família residente no interior da Bahia, cidade de Macaúbas, a um jovem acadêmico em Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), filho/ irmão/primo dos remetentes, no período de 1956 a 1960, tempo de duração do curso superior. No período em foco, acontecem casamentos, nascimentos, mortes, transformações econômico-culturais no município, enfim é a vida acontecendo em seu trâmite normal. Como não são conhecidas as cartas enviadas como respostas, optou-se por um diálogo com cartas e cartões de período posterior enviadas pelo destinatário principal à sua mãe e a uma das irmãs.

O texto está estruturado em 12 seções, sendo as três primeiras de caráter teórico: “É com

prazer que pego na pena...”; “Sobre cartas”; e “Sobre os *corpora* utilizados”. As demais seções estão divididas basicamente pelos remetentes, começando pelas cartas da mãe que, coincidentemente, tem a primeira carta na ordem cronológica. Seguem-se o pai e os irmãos na ordem de nascimento; uma prima religiosa muito próxima também dá tema para uma seção. Já quase finalizando, a seção “Marcas do destinatário” se ocupa das anotações feitas no verso de algumas cartas. “As despedidas” conclui o artigo utilizando palavras do personagem axial dessa história, que revelam o papel da carta defendido nesta proposta de aliviar tensões, manter vínculos, transmitir notícias, enfim, matar saudades.

## Sobre cartas

As cartas são a forma mais antiga e de maior vida útil, enquanto gênero textual para manter a ligação entre pessoas distantes geograficamente. (CASTILLO GOMEZ, 2021) As cartas conservadas também permitem a ligação temporal e, nesse caso, ampliam os interlocutores pois, se conservadas em alguma forma de arquivo por seu destinatário, poderão ser lidas no futuro por outras pessoas. Essa capacidade de unir, inicialmente, interlocutores distantes no espaço e, posteriormente, no tempo, fica bastante patente para o mundo ocidental-cristão que tem na Bíblia o seu livro sagrado, pois na formação do Novo Testamento, do conjunto de livros do segundo grande bloco da Bíblia constituído por 27 livros, 21 deles são cartas escritas pelos Apóstolos, em especial Paulo.

A leitura de antigas cartas como o trabalho que aqui se propõe, permite como disse o agostiniano Pedro de Vega (séculos XVI e XVII) dar vida ao que está morto, pois, conforme registra Castillo Gómez (2021, p. 113) ao citá-lo, “graças ao registo histórico ‘se volta a achar o que uma vez se perdeu’, aprende-se de novo o que se tinha

esquecido e se ‘dá vida ao que já estava morto e sepultado nas trevas do esquecimento’”.

Castillo Gómez (2021) atribui o desenvolvimento da prática epistolar a partir dos séculos finais da Idade Média a fatores como a consolidação das línguas vulgares – português, espanhol, francês, italiano – e o aumento da alfabetização ao longo da Idade Moderna. Santos (2016, p. 97) anota que “a expressão dos sentimentos, experiências e emoções [...] teve uma expressão progressivamente mais relevante a partir do século XVIII, quando o hábito de troca de escritos ficou cada vez mais corrente nas sociedades europeia e americana”.

Entretanto, após ter-se tornado um fenômeno de massa a partir da Primeira Guerra (1914-1918), Castillo Gómez (2021, p. 165) observa que a carta é “uma atividade escrita praticamente extinta, ao menos na forma que se conheceu desde sua origem até a aparição do e-mail”. Mas as cartas são facilmente armazenáveis e “quanto maior a estima do remetente ao destinatário, maior era o cuidado com a preservação da carta” (SANTOS, 2016, p. 98).

Por seu caráter eminentemente pragmático e, portanto, necessário para manutenção da comunicação entre pessoas geograficamente distantes, os manuais epistolares foram comuns na Europa durante a Idade Moderna e Contemporânea, os quais versavam sobre a composição do gênero com suas partes distintivas. Castillo Gomez (2021, p. 136, grifo do autor) informa que houve um gênero editorial de grande sucesso de público que foram as “*Leituras de manuscritos*, um conjunto de volumes pequenos, muitos com esse título, em cujas páginas se oferecia um amplo mostruário de escritas ordinárias, de aplicação efetiva em distintas situações da vida cotidiana”. Assim, o gênero epistolar, que tem nas cartas seu representante principal, consolidou-se sem grandes alterações, mesmo com o passar dos séculos. Pode-se dizer que a única parte de uma carta

que sofreu variação foi a localização da data. Até o século XVII, o mais comum era colocá-la no final do texto entre a despedida e a assinatura. Entretanto, a partir do século seguinte, a tendência foi colocá-la no ângulo superior à direita, como hoje se pratica. O erudito Gregorio Mayans y Siscar, em *Rethorica* (1757), defendia o uso ao final da carta, “no mesmo contexto dela do que não separadamente na margem ao princípio dela, porque, além de ser a data parte da carta, a ordem natural pede que se ponha quando acaba de se escrever” (apud CASTILLO GÓMEZ, 2021, p. 145).

Os pacotes de carta guardadas pelo remetente constituem-se em importantes fontes de pesquisa para historiadores e sociólogos, além de estudiosos ou artistas de outras áreas do conhecimento. Luís Ruffato (2016), por exemplo, estrutura seu romance *De mim já nem se lembra* num conjunto de cartas escritas entre 1971 e 1978, pelo protagonista – um jovem mineiro que parte para o ABC Paulista – destinadas à sua mãe; a “Explicação necessária”, que é o primeiro capítulo, e o “Apêndice”, este escrito também em tom epistolar, situam o leitor no contexto das cartas. Camargo (2011, p. 62) assevera que do “conjunto acumulado, dessa série [de cartas] que se forma ao sabor dos dias, apropria-se a pesquisadora, transformando-o num objeto de estudo, nem sempre fácil de abordar, pela sua natureza de escrita íntima, privada.” Por isso do acervo que se dispõe há que se discernir aquilo que é ‘publicável’ e o que o autor opta voluntariamente por ocultar.” (SILVA; COSTA, 2008, p. 64).

Segundo Castillo Gómez (2021), a partir da década de 1920, na Europa, despertou-se o interesse pela conservação da escrita da pessoa comum com finalidades que foram alterando com o passar do tempo. Assim, diversas instituições foram criadas em países como Inglaterra, Polônia, Alemanha, França, Finlândia e Espanha com foco entre o popular e o autobiográfico.

No Brasil, a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica tem o objetivo de incentivar e promover o interesse pela escrita do trivial das pessoas. Josso (2008, p. 29) destaca que as abordagens biográficas enriquecem “também nosso repertório de ‘pessoas comuns’, permitindo-nos revelar uma consciência mais sutil de si mesmo, individual e coletiva.”

Este artigo lastreia-se nesses pressupostos e, ao destacar pontos das correspondências que constituem os *corpora* utilizados, faz descortinar aspectos que marcavam a comunidade que a família integrava no momento da escrita. Naturalmente, em um texto que tem por objetivo básico manter laços entre pessoas distantes, abordam-se não somente aspectos íntimos do redator, mas de seu entorno. A carta constitui-se, portanto, num instrumento de manutenção de laços também comunitários. Josso (2008, p. 21) chama de existencialidade singular-plural ao percurso de vida de cada pessoa humana que transcorre “em uma tensão permanente entre as transformações das limitações dos coletivos e a evolução dos sonhos, dos desejos e das aspirações individuais.”

## Sobre os *corpora* utilizados

A primeira vez que tive conhecimento do *corpus* principal deste artigo, que recebe o número 1, eu deveria ter cinco anos de idade. Houve a tarefa de uma gincana pedindo a carta mais velha e minhas primas correram à casa de nossa avó. Ouvi as tias lendo algumas cartas e comentando que nelas havia pormenores do desenvolvimento do neto mais velho. Essas cartas foram guardadas por um tio em uma pasta de cartolina parda durante seu período de academia (1956-1960) e, como dito, constituem o *corpus* principal deste artigo. Quando minha avó faleceu (1987), eu guardei em uma grande mala de couro muitos de seus per-

tences pequenos, entre eles essas cartas, na pasta original, e reuni todos os outros textos epistolares que havia em suas gavetas em uma outra pasta. Deste acervo formei o *corpus* auxiliar, o número 2.

O *corpus* 1 é formado por 138 textos epistolares com predomínio de cartas, havendo também alguns bilhetes e três telegramas. Desses, 130 são datados, o que permite uma leitura linear, necessária à reconstrução dos fatos nelles narrados. As cartas foram datadas quase todas de Macaúbas, com exceção de algumas da irmã mais nova que estudava em Caetité e

de uma prima religiosa que morava em Recife. Além dessas duas remetentes, há ainda os pais e mais três irmãos. Para manter um véu sobre as personagens, usaremos este código para os irmãos: Zito (o irmão mais velho); Noca (a irmã mais velha); Bé (o acadêmico ausente); Didi (o irmão mais novo); e Bida (a irmã mais nova). Esses eram os apelidos usados em família e mesmo que nas correspondências nem sempre fossem utilizados, foram generalizados nos trechos que ilustram este artigo. O Quadro 1 dá o panorama completo das correspondências datadas do *corpus* 1.

**Quadro 1** – Constituição do *corpus* 1

ANO	REMETENTE						
	Mãe	Pai	Zito	Noca	Didi	Bida	Prima
1956	4	—	2	2	2	2	—
1957	3	4	9	1	—	5	—
1958	4	7	10	4	3	7	—
1959	4	4	7	3	4	4	1
1960	2	13	4	1	3	10	1

**Fonte:** elaborado pelo autor.

Os textos utilizados para constituírem o *corpus* 2 foram selecionados para comporem este estudo. Trata-se de 28 correspondências de Bé para sua mãe entre 1966 e 1987, utilizados como suporte para um diálogo entre emissor e receptor, na falta das respostas dadas para cada carta recebida quando estudante em Salvador, conforme o Quadro 2. Para che-

gar a essa situação dialogal, nos valem da orientação dada por Silva e Costa (2008, p. 55) de que a narrativa (auto)biográfica produz ficção, “na medida em que [ela] não tem compromisso com os fatos tal qual ocorreram, mas com a significação que o sujeito atribui a cada um deles e com o peso imposto pela constituição de sentidos”.

**Quadro 2** – Constituição do *corpus* 2

ANO	GÊNERO		
	Cartão de Natal	Cartas	Cartão-Postal
1966	1	—	—
1970	—	2	—
1971	—	2	—
1973	1	1	—

ANO	GÊNERO		
	Cartão de Natal	Cartas	Cartão-Postal
1981	—	—	1
1982	—	3	—
1983	—	2	—
1986	—	—	14

Fonte: elaborado pelo autor.

Além desses dois *corpora* indicados, utilizaremos ainda duas correspondências auxiliares às quais não se deu o *status* de *corpus* devido à densidade quantitativa das coleções assim tratadas anteriormente. São elas: um cartão postal enviado à irmã mais nova; e um cartão de aniversário enviado à mãe desta história em seu último aniversário por um ex-deputado estadual muito presente especialmente nas correspondências do pai e de Zito.

Sentimo-nos à vontade em trabalhar com essa pequena variedade de espécies epistolares, pois Camargo (2011, p. 60) dá esta definição para carta: “é todo papel, mesmo sem envoltório, com comunicação ou nota atual e pessoal. Considerar-se-á, também, carta todo objeto de correspondência com endereço cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação.”.

### “A bênção de Deus te cubra”

Camargo (2011, p. 62) observa que as cartas “são objetos esperados, aguardados com impaciência, chegando a mudar um dia de tédio” e Castillo Gómez (2021, p. 171, grifos do autor) destaca que as palavras iniciais de uma carta são as que “mais afloram as emoções corresponde aos prolegômenos de cada carta, à *captatio benevolentiae* ou à *expressio malevolentiae*”. Assim podemos imaginar a doçura do momento em que o jovem acadêmico recebia uma carta de sua mãe, quase sempre iniciado com essa fórmula de bênção, traçada em uma

caprichada caligrafia antiga, conservando ainda alguns aspectos da velha ortografia com o uso da letra ípsilon.

Na ordem cronológica do *corpus* 1, a primeira carta é uma das 20 enviadas pela mãe, quase todas escritas de próprio punho, apesar de algumas terem sido escritas por algum dos filhos presentes. Bida dá a razão para isso em uma de suas cartas: “Mãe não te escreve porque tu bem sabes que ela só escreve com bem tempo, devagarinho, e eu e Noca escrevemos às pressas” (22/12/1956). Quase todas as cartas foram enviadas por portadores que iam à capital e, às vezes, a viagem era decidida em pequeno espaço de tempo. São cartas que demonstram seu amor materno em gestos: está sempre encaminhando camisas, cuecas, pijamas, fronhas por ela mesma confeccionadas ou doces de buriti ou de umbu e geleias de goiaba. A preocupação com a saúde do filho ausente é constante: “Bé, você não se preocupe muito com os estudos e também não perca sono, pois o pobre do Sonzinho está com um pulmão fraco tirou um litro d’água da pleura...” (12/11/1956); ou: “Bé, espero que você esteja comendo bem e comendo carne” (25/04/1959).

Nas cartas maternas, estão presentes os amigos e agregados da família com as notícias de pessoas simples e envio de lembranças: “lembranças de todos da Família e da Velha Duvirgem” (30/03/1958); “lembranças de Izidória [empregada doméstica da família] ela está querendo ir embora”; ou “Maria ainda tossindo mui-

to menos e na mesma teimosia” (25/04/1959). Maria chegou à casa meninota de escola primária, foi educada e tornou-se um membro da família, muito querida por todos. Em cartas à mãe, Bé acompanha, de Itabuna, os preparativos e o casamento de Maria: “Como vai Maria? Está aprontando o enxoval? Dê um abraço nela, meu, de D\*\*\* e das crianças. Peça a ela recomendar-nos ao Tonho, seu noivo” (27/03/1971). E depois: “Aguardo notícias sobre o casamento de Maria. Não me esqueço deles e, desde já peço a Deus pela felicidade completa do casal. Sinceramente, se eu pudesse, iria assistir ao ato, tal a satisfação que eu sentiria em ver Maria realizando o sonho dela, quero-a muito e me preocupará sempre vê-la feliz” (15/08/1971).

Na carta de 20 de abril de 1957, a mãe pede que ele informe o preço de uma máquina para costura, marca Singer, de mão; eram muitos pedidos da família para resolver problemas ou fazer compras em Salvador. Prestando contas de uma encomenda, em 22 de outubro de 1981, Bé diz: “Mãe, comprei as suas encomendas e ainda estou mandando Cr\$ 600,00 de troco. Pode mandar qualquer encomenda, a senhora sabe que tenho o maior prazer em atender.”

Nas férias de 1957/1958, Bé não pôde visitar a família porque estava servindo o Exército. A mãe fez-lhe este desabafo: “Bé, eu tinha muita vontade de lhe encontrar para dizer o meu sofrimento”; ela estava num pós-operatório lento e doloroso, cuja cirurgia fora realizada em meados de 1957, em Salvador, aliás, sua saúde foi sempre muito frágil. E continua: “Seu pai sempre queixando e muito impertinente” (22/02/1958). Em 15 de agosto de 1971, o filho, juiz de direito em Itabuna a consola nestes termos: “Mãe, bem sei que a senhora tem dificuldades – em casa, nos negócios, na sua viuvez, tem problemas que não percebem etc. – mas permita dizer com sinceridade, eu acho uma criatura feliz pelo que tem e já conseguiu. Pelo menos tem uma fé viva em Deus,

tem uma família que, apesar dos pesares, lhe tem proporcionado alegrias, está com saúde e tem seu cantinho de paz, uma casinha para voltar, um lugarzinho para suas coisas...Queira perdoar-me se contrario seu ponto de vista, mas eu gostaria muito se a Senhora se sentisse realmente feliz e confessasse isso.”

A atenção do filho com a mãe queridíssima pode também ser percebida em agradecimentos que ela lhe faz: “Recebi a tua carta ontem e telegrama. Senti tão alegre em ter tuas notícias e muito lhe agradeço de sua delicadeza para comigo de não esquecer a data de meu aniversário [29 de abril]” (04/05/1957); ou este: “Bé, eu recebi o livro que você me mandou gostei muito” (01/05/1960).

## Os cuidados e a autoridade paterna

O pai se comunicava sempre por meio de um escriba, somente assinava as cartas, pois era semialfabetizado. Aqui está o retrato “visível das desigualdades sociais no acesso ao uso da escrita” de que Castillo Gómez (2021, p. 126) chama atenção. O pai crescera na área rural e não tivera acesso à escola de primeiras letras da vila, o que aprendera fora por meio da esposa, menina urbana, após o casamento.

Nas correspondências paternas, predominam as informações sobre as mesadas enviadas por viajantes – representantes de firmas comerciais – e o correspondente pedido de confirmação de recebimento. Um assunto bastante abordado em suas cartas foi a organização dos documentos para sua aposentadoria.

Vivendo uma realidade diversa do acahado interior, o filho segue uma orientação política diversa da casa paterna. A irmã Noca, que fora a Salvador participar da formatura de Oficial do Exército de Bé, conta em carta de 17 de setembro de 1958: “quando fui entrando na sala, a primeira coisa que pai me perguntou foi

em que você vai votar. Então eu falei e expliquei por que você votava em Pedreira<sup>1</sup>, mas ele não se conteve, ele diz que você votando nele está fazendo mal a ele, e que isto não é mais de sua vontade...”. E, incontinenti, o pai enviou um telegrama nestes termos: “Peço seguir minha orientação votando Senador Juracy” (carimbo ilegível).

Não sendo escritas de próprio punho, as cartas do pai não transmitem muita emoção. A depender do escriba, inicia-se somente com o nome do destinatário entre aspas, assim, secamente. Entretanto, a última carta do *corpus* 1 é do pai que, escrita pela mão do escriba Didi, contraria essa tendência, ao cumprimentar o filho recém-formado: “Para mim este Natal foi o mais feliz de minha vida, foi o mais feliz porque tenho você Formado, graças ao Senhor do Bonfim. Isso para mim e para todos de nossa família foi o maior acontecimento de felicidades” (25/12/1960).

## Zito: negócios e crônica

O irmão mais velho é o campeão do *corpus* 1 com 33 correspondências. Ao iniciar a série, em 1956, era recém-casado, escrivão interino da Coletoria Federal e comerciante. As cartas de Zito detalham tanto a vida da família quanto da pequena cidade de Macaúbas. Anuncia a primeira gravidez da esposa, o nascimento do primogênito e seu desenvolvimento. Depois, lamenta a morte do segundo filho logo após o nascimento. E, pouco depois, comunica o nascimento do terceiro filho por telegrama e, por carta, pormenoriza o nascimento.

Com relação à pacata vida social da cidade, ele anuncia nascimentos, mortes e casamentos, notícias paroquiais: “A reconstrução da Igreja já está começada, o Padre daqui é o mesmo José Maria, Padre muito trabalhador, vem conseguin-

<sup>1</sup> O engenheiro José Pedrosa de Freitas foi o opositor a Juracy Magalhães nas eleições de 1958 ao cargo de governador da Bahia (TAVARES, 2008, p. 473).

do com facilidade as esmolos para o concerto da Igreja” (08/01/1957) e, por conta da reforma, a igreja foi transferida para a velha residência do Cônego Firmino Soares: “A igreja está sendo na escola velha até que conserte a outra”, informou Bida em 22 de dezembro de 1956. Dá notícias da disputa entre os grupos econômicos interessados na recém-descoberta mina de chumbo no então distrito de Boquira, que foi classificada como a maior do Brasil, à época. Indignado, dá a notícia da visita do governador à vila de Boquira, onde estava a administração da mina: “O Governador visitou no município de Macaúbas somente o escritório da Mineração em Boquira, voando depois da chegada, cerca de 30 minutos, para Lapa, donde seguiu para Salvador no avião à noite da mesma data. Não veio sequer na cidade” (12/06/1960).

Na qualidade de irmão mais velho, cuida do bem-estar dos irmãos. Para um irmão, propôs sociedade nos negócios e depois lhe vendeu sua parte. Para a irmã mais nova, dá um rádio, para o próprio Bé, bibliófilo inveterado, envia dinheiro para a compra de livros.

Das notícias que dá sobre a cidade, uma que merece destaque é a instalação do Ginásio Estadual de Macaúbas (1960): “O Ginásio está funcionando normalmente e a frequência total é de 70 alunos. Começou com 71, mas uma aluna, filha de Guanambi, casou-se ontem com um filho de Zé Canivete, e saiu do Ginásio. Sou, aliás, estou respondendo pela Inspeção Federal do mesmo” (12/05/1960). A instalação do ginásio foi também comunicada pela irmã Noca nestes termos: “O Ginásio aqui vai mais ou menos. Entre 80 [alunos] só foram reprovados 8 e o próprio Didi arrependeu de não ter feito admissão” (01/05/1960).

## Noca e suas encomendas

A irmã mais velha casou-se cedo com apenas 16 anos e contava já, à época do início das cartas,



seis anos de casada. Trabalhava para colaborar com o esposo na formação do pecúlio familiar. Era exímia costureira e começou naquele período a confeitar bolos, no que se especializou: “escrevo-lhe esta carta agradecendo os livros que gostei muitíssimo, já tenho encomendas de três bolos de noiva” (28/09/1959). Para atender às encomendas ou para diversificar sua mercadoria, estava sempre pedindo ao irmão acadêmico que lhe comprasse alguma coisa. (E sempre estava lhe enviando um dinheirinho para o cinema e para o sorvete): “Vai junto com esta mil cruzeiros que é para você comprar o restante do livro de confeitar bolo, o que você mandou é 1ª série Dolores Botafogo – Bolos Artísticos.” Na mesma data, uma lista de encomendas, com estes destaques: “1 bibelot com noivinha e noivinho juntos/ Compre um figurino marca *Paris Suéces*” (09/10/1959).

Era uma tia coruja, deliciava-se com os sobrinhos em todos os tempos: “Luiz está um amor é admirado por todo mundo. Zé é louquinho para ir à Escola, bota o livro debaixo do braço e diz ‘teogo, vó, vô cola’. Gosta muito de sorvete, só vendo a pose para tomar. Ele já aprendeu a ir na sorveteria e dizer ‘home, qué sovete’ (19/10/1959).

Em 17 de setembro de 1958, Noca atualiza o posicionamento político da família: “Pai desistiu de Short<sup>2</sup>, pois o mesmo só acredita nos C\*\*\*, está de corpo e alma com Joel Muniz e Dr. João Macedo”. Essa mudança política criou laços de amizade duradouros, pois Joel Muniz jamais perdeu o contato com a família. Morto o chefe (1969), ele continuou cumprimentando a matriarca pelo Natal e em seu aniversário. De Porto Alegre, ele enviou o último cartão de aniversário (28/07/1987): “... Que Deus lhe proporcione paz de espírito e lhe dê conformação face aos sofrimentos de sua saúde. Parabéns que são extensivos a todos os seus filhos pela

2 Aloysio da Costa Short foi deputado Estadual e Secretário da Educação da Bahia.

mãe admirável que é a senhora [...] Aceite, Dona P\*\*\*, com minha eterna gratidão, o testemunho de amizade que lhe devota o sempre amigo Joel Muniz Ferreira.” A primeira notícia que se tem da presença de Joel Muniz como hóspede da família é de 1957. Bida anunciou: “Aqui tem um deputado Dr. Joel Muniz, que é um senhor ótimo” (18/02/1957).

Noca também dá notícias da virada política local, pois sua família fazia oposição ao chefe político que fora investido no comando político local pelo “Convênio de Lençóis”, em 1920.<sup>3</sup> Inicialmente, a expectativa da vitória, pois as urnas eram abertas na vizinha Comarca de Caetité e os resultados demoravam para se consolidar; os correligionários iam transmitindo notícias por telegramas. Vejamos trechos de sua carta de 5 de outubro de 1958: “Aproveito a oportunidade do Sargento, escrevo estas duas linhas dando notícias da nossa velha Macaúbas. As eleições aqui ocorreram otimamente bem, a nossa vitória é quase certa, pai está muito satisfeito, não sai do pé do rádio escutando as apurações das urnas na Bahia, o Juracy com fé em Deus já é governo do estado e Amélio Costa, prefeito de Macaúbas, que tal?”. Por conta da morosidade dos correios, não se perdia a oportunidade de um portador direto, e vai mais uma carta: “Aproveitando a oportunidade de Eutímio, escrevo estas duas linhas, enquanto aqui tudo vai bem, os sudegas<sup>4</sup> estão muito alegres, como você deve saber”. Entretanto, Bé não estava satisfeito com o resultado das eleições como se pode depreender da continuação da carta de Noca: “Didi me deu

3 O *Convênio de lençóis* foi um dos três documentos firmados por representantes do Presidente da República e os chefes sertanejos insurretos contra o searbrismo, em movimento liderado, a distância por Rui Barbosa. (MORAES, 1997, p. 97-99).

4 Uma das facções políticas locais oposta aos “caboduros”. Essas denominações vinham do começo do século XX e se mantiveram a despeito das mudanças políticas no cenário nacional e estadual. No momento em que se passavam os fatos aqui narrados, os sudegas apoiavam a União Democrática Nacional (UDN).

as suas notícias, me disse que você não queria escrever. Bé, isto é bobagem, pois eu lhe escrevo ainda pedindo favor..." (08/11/1958). Quem acompanha este artigo linearmente, recordar-se-á do telegrama paterno impondo o voto a Juracy Magalhães. O certo é que a família se beneficiou com a mudança política local, conforme as notícias da posse do novo prefeito, envidadas por Zito: "A posse do Prefeito aqui, graças a Deus, ocorreu normalmente. Muito animada, muita paz, não houve insultos. O primeiro ato do Amélio foi nomear Didi para seu Secretário, porém, no dia 11 já foi o mesmo designado para Tesoureiro, de maneiras que, provisoriamente, vai ele auxiliando a administração do Amélio até encontrarmos uma pessoa que o possa substituir" (14/04/1959).

### Didi: amores e trabalho

Didi, o irmão mais novo e imediato na ordem dos irmãos, tinha uma relação de confiança, intimidade e admiração pelo irmão mais velho, elogiado por sua inteligência ímpar e determinação para o estudo. Em 16 de agosto de 1956, anuncia uma nova namorada: "... está sendo um namoro diferente do de outrora, não vou na porta da casa da moça; mas eu quero é assim mesmo, não achas?". Esse namoro prometia casamento, mas teve fim: "acabei porque eu não fui num baile e pedi a ela para não dançar e ela não atendeu" (25/02/1958). Mas no São João do mesmo ano começou outro namoro: "fizemos uma 'quadrilha' todos fantasiados de caipira. O meu par na 'quadrilha' foi D\*\*\* e com este negócio de quadrilha eu e ela pegamos a olhar um para o outro e acabou que nós ficamos namorando, não sei se continuaremos" (17/07/1958). E continuaram, e se casaram.

Didi estava dando seus primeiros passos no mundo dos negócios. Um jovem disposto, corajoso e sonhador. Iniciou-se no comércio em sociedade com o irmão mais velho e, como

comerciante, pôde conhecer novos horizontes: "Eu vou para Montes Claros no dia 9 do próximo mês, onde pretendo conhecer muitas coisas belas e gostar bastante, eu sei que vou gostar porque sou, como você sabe, uma pessoa que nunca saí fora daqui e vendo assim qualquer lugar diferente só posso é gostar" (16/09/1956). Depois conheceu Vitória da Conquista e Belo Horizonte. Além do trabalho no comércio próprio, passou a prestar assessoria contábil: "Continuo na minha rotina como você sabe: trabalhando em meu comércio e também em escritas de livros de comerciantes e passando escrituras" (17/07/1958). Ao fim do primeiro período contábil, o irmão, socio capitalista, avaliou positivamente seu desempenho: "Didi vem desempenhando admiravelmente os negócios, sendo que agora [1957], já dei a ele metade dos lucros livres gerais da venda" (08/01/1957).

### Bida: a mais amorosa e espontânea

No mesmo ano em que Bé iniciou sua trajetória acadêmica em Salvador, a irmã caçula iniciou o antigo ginásio na cidade de Caetité (BA). Era, então, o único ginásio público no Alto Sertão da Bahia. Essa saída para estudar foi muito influenciada por ele.

Bida inicia suas cartas de forma sapeca e carinhosa com vocativos como: "Maninho querido"; "Inesquecível mano, beijo-te de longe"; "Querido irmãozinho"; "Maninho querido, beijinhos". Em suas cartas, regularmente, informava suas notas. Com ele, desabafava suas dificuldades e falta de interesse para estudar e se desculpava pois, como dito, sua saída para Caetité deveu-se muito ao seu empenho junto ao pai ciumento: "Se eu deixar de estudar tu ficas com raiva de mim? Porque talvez eu não vou mais estudar; estudo não foi feito para mim; estudo foi feito para ti que sabes estudar e tem coragem para enfrentar o estudo" (Cae-

titê, 06/10/1957). E de longe, o irmão envia-lhe os livros didáticos adotados, revistas, alimentava suas coleções de estampas de santos e de crianças: “Recebi também a revista que me mandou por Guiomar. Gostei demais, mas prefiro que no lugar de revista me mande postais de criança” (Caetité, 06/10/1960).

Nas cartas, os gracejos dirigidos à irmã mais velha: “Vou agora fazer uma criticazinha da Noca: sempre posuda, ainda mais agora que comprou uma cristaleira, com o colchão de mola já estava não me toques, quanto mais agora” (19/12/1957). Pela data da carta, deve ter chegado para as férias escolares e encontrado a novidade na casa da irmã. Em setembro de 1958, a irmã mais velha fora participar da formatura de Oficial do Exército, em Salvador, e Bida fez esta pilhéria: “Como vai a Noca? Já deram um cafezinho com sal para fazer o batizado? Creio que sim. Dê um beijinho nela por mim” (Caetité, 02/09/1958).

E veio o namoro proibido, pois os pais eram líderes políticos inimigos. Os pais moveram céus e terra, mandaram buscá-la em Caetité para interromper os estudos... tudo em vão! Em 12 de outubro de 1960, de Caetité, Bida faz-lhe uma longa carta respondendo aos conselhos que lhe tinham sido enviados, na qual ela confessa seu grande amor fraternal: “quero-te como a ninguém, jamais surgirá em minha vida uma pessoa que eu dedique mais do que você, a não ser nossa mãezinha.” E tinha razão em gostar tanto desse irmão, pois era compreensivo e preocupado com todos. Em 28 de setembro de 1981, ele enviou-lhe uma cartão-postal ao saber de sua gravidez temporã e de risco: “Caríssima Bida, gostaria de fazer-lhe uma carta mais ampla, ou melhor, bater um papo mais prolongado, a fim de abordarmos muitos assuntos, especialmente em relação a essa fase difícil de sua gravidez. [...] Também para dizer-lhe que estamos solidários na alegria, e até mesmo no sofrimento, com você.”

Em 17 de dezembro de 1960, Bida, de Caetité, cumprimentou o irmão que se formava em Salvador, com um texto bastante poético, em um tom bem diferente do galhofeiro de costume. Eis um trecho: “Dr. B\*\*\*, que maravilha este dia, dia em que tu, meu irmão, recibes o nome que tanto ansiávamos, ou aliás, o título de Doutor. Mamãe estará muito mais que alegre, a nossa casa estará em festa, mesmo longe de ti. Parece que cada canto, em cada lado tu estás, as flores cantarão de alegria para nós, tudo nos apresentará mais belo, até mesmo a natureza. Como deverá ser magnífico para ti este dia, falarás: ‘sou independente, de nada mais preciso a não ser dos meus, de Deus e do meu próprio serviço’ [...] A ti, meu querido mano, os meus parabéns e preces ao meu Jesus que te proteja e faça muito feliz no teu futuro e que te dê um destino de paz e de amor.”

## Preocupações religiosas

A casa da família desta história era frequentada por uma prima em primeiro grau da mãe e que também era sua afilhada de crisma. Havia um misto de primo/irmão/sobrinho entre eles. Com o apoio da madrinha, muito ligada à vida paroquial, a jovem tornou-se religiosa, quando recebeu o nome de Irmã Maria Rita de Cássia; após a abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, ela voltou a usar o nome civil, portanto o nome religioso fica usado também como pseudônimo. Ingressou na mesma Congregação Religiosa da Irmã Dulce e, como ela, formou-se em um convento na histórica São Cristóvão (SE). Para servir o próximo, ela recebeu a missão de enfermeira e, como tal, residiu muitos anos em Salvador, trabalhando no Hospital Espanhol. De sorte que a interação entre Bé, a família de uma tia materna que morava na capital e a Irmã Rita era muito grande, como se pode perceber nas lembranças e recados nos finais das cartas.

Mas vai que a enfermeira religiosa foi transferida para uma casa em Recife. Por essa mesma época, Bé simpatizou com as ideias socialistas e aproximou-se do Partido Comunista, abandonando toda sua prática religiosa de base católica. Fora membro da Cruzada Eucarística e Congregado Mariano, residente no Pensionado do Padre Torrend, SJ. De Recife, a Irmã Rita tentou ainda fazer alguma coisa pela ovelha que se desgarrava do rebanho católico, ao que ele deve ter dado uma resposta esclarecedora e, talvez, dura. Ela então enviou-lhe a réplica: “Também não posso deixar de agradecer os seus esclarecimentos. Se por acaso lhe ofendi em lembrar-lhe a Comunhão Pascal, perdoa-me, senti que a sua ideia estava diferente da nossa, mas, ainda duvidava. Agora não me resta mais dúvida. Agradece-me também por lembrar-lhe nas minhas orações; fique certo que mais do que nunca serás sempre lembrado, pois não lhe quero apenas como primo e sim como um irmão e amigo fiel” (Recife, 25/05/1959).

A despeito da divergência de orientação religiosa, a correspondência continuou. Em 21 de agosto de 1960, ela escreve-lhe confessando a agradável surpresa por ter recebido uma carta sua, ao final de um retiro espiritual. Nessa carta, ela ainda o questiona e tenta motivá-lo a rever sua prática, ou ausência dela, naquele momento: “É verdade, esta palavra não rezo me impressionou bastante, mas!... acho que é brincadeira, pois não posso conceber que haja uma criatura que não se eleva em pensamento ao Criador pelo menos uma vez ao dia, principalmente você, meu caríssimo, tão caridoso de um coração bondoso, dotado de uma inteligência rara [...]”.

A mesma preocupação quanto ao abandono das práticas religiosas está presente em uma das cartas da irmã mais nova: “És a melhor criatura que Deus deixou no mundo, melhor seria se gostasse da Igreja Católica, não se

aborreça por isto, pois sabes que creio demais nas ideias que deixaram-me os nossos pais” (Caetité, 12/12/1960). Com o passar do tempo, ele deixou de lado a militância comunista, mas não voltou à Igreja Católica, pois aderiu ao Kardecismo e influenciou a quase totalidade da família. Voltou, portanto, a rezar, concordando com a Irmã Rita de que é necessário prestar um culto a Deus, porém, com outros métodos.

## Marcas do destinatário

Como já dito, o *corpus* 1 é uma via de mão única, mas há algumas pistas no verso de algumas cartas que serviram para anotações do personagem axial desta história, ou mesmo algumas passagens dos que lhe remetiam as cartas.

É de se notar sua vocação para poliglota. No verso de uma carta, há inscrição em alemão (12/10/1956, de Noca) e, em outra, inglês (12/10/1959, da mãe). No verso de uma carta de Zito (03/08/1959), há o esboço de um cartaz com este esquema:

BOQUIRA  
FURTADOS  
Humilhados e ofendidos os  
infelizes posseiros de Macaúbas!  
“cartaz”  
Parabéns, Prof. Josafá Marinho!!!

E, logo abaixo, caracteres que parecem ser árabes. Da mesma forma, no verso de uma carta do pai (12/06/1960), na qual lhe pede que tome informações sobre a próxima aposentadoria, há três itens anotados em português relativamente ao que lhe fora solicitado, seguidos de caracteres com traçado semelhante aos anteriores. Nesse mesmo verso, há uma planta da casa paterna com a divisão dos quartos, com a inclusão de um escritório em frente ao seu próprio quarto e um projeto de jardinagem para o amplo quintal de terreno plano. Esse projeto paisagístico é, por certo, resultado de

sua longa estada fora da casa paterna (foram 12 anos), pois, àquela época, não era comum o cuidado com o embelezamento dos quintais que serviam, antes de tudo para a satisfação das necessidades fisiológicas em campo aberto. Em Macaúbas, o abastecimento domiciliar de água era recente e não abrangia todas as vias. Nessas condições, dificilmente buscar-se-ia água na cabeça para se usar como descarga, e mesmo os toscos “banheiros de buraco” ainda não eram generalizados.

Esse cuidado com o quintal é mote para as notícias da família como se pode perceber nestes três textos dos irmãos. Didi dá notícia da abundância das chuvas e da consequência benéfica também para o quintal: “Chuva aqui ainda não faltou até hoje, nosso quintal está muito bom, laranjeira com laranjas, as mangueiras carregadas” (03/12/1956). Na mesma quadra, Noca fala das roseiras: “O quintal está uma maravilha! Os pés de rosas parecem uma laranjeira quando está bem carregada, o povo de fora quando vê admira” (12/12/1956). Ainda na mesma estação chuvosa, Bida dá notícias da casa e do quintal: “Bé, o periquitinho, morreu mãe ficou apaixonada; a mangueira e a pinheira deram muito; mas a laranjeira deu apenas três laranjas” (18/02/1957).

## As despedidas

Em carta de 7 de setembro de 1959, Zito, respondendo à solicitação anterior, aconselha o irmão acadêmico: “Verdadeiramente ser advogado para ter consciência demais, creio que nada materialmente você fará, pois se como advogado você deixar de agir de uma certa maneira para agir com o coração, nada você fará, e na magistratura, como Juiz, terá você possibilidades de agir com consciência de conformidade com seu pensamento.” Ele era muito consciencioso! Nessa mesma correspondência, Zito comenta: “Achei que você

ter deixado os serviços com o Carlos Roberto pelo fato de estar com remuneração alta para pouco serviço foi tolice sua, pois você deixou de ser remunerado e continua a servi-lo com correspondências etc.”

Assim, Bé esperou o tempo necessário como advogado e como Promotor Público, e, submetendo-se a concurso público, foi aprovado para a função de Juiz de Direito e sempre foi tido como íntegro em seus julgamentos. Atuou nas Comarcas de Paramirim e de Caetité, onde estava em 1966, conforme cartão no Natal enviado aos pais. Por promoção, foi designado para a Comarca de Itabuna. Em carta de 15 de agosto de 1971, ele anuncia para a “querida mãe” que teria promoção no ano seguinte, sem transferência. É dessa mesma carta, que tiramos as palavras com as quais vamos encerrando este artigo: “De qualquer modo, mãe, uma cartinha sua faz reacender as lembranças, revive, de certa forma, a felicidade dos dias passados juntos com a Senhora e os nossos daí. Enfim, uma carta faz reafirmar a certeza que temos de que tudo vai bem, sem maiores problemas.”

Os trechos utilizados neste artigo, selecionados da correspondência trocada por membros de uma mesma família durante décadas, corroboram o que os teóricos citados afirmam sobre esse gênero, ou seja, a multifuncionalidade que os textos epistolares têm. No momento em que o texto é escrito, une pessoas geograficamente distantes, levando notícias pessoais, familiares e comunitárias, comunicando afeto, matando saudades, levando alegrias. Lido em época posterior, o mesmo texto ainda pode despertar bons sentimentos, mas também tem o poder de aclarar fatos que foram perdendo a nitidez, ocultada pela névoa do tempo. O *corpus* utilizado nos permitiu também perceber a desigualdade de acesso à escrita, muito presente em nossa sociedade até há bem pouco tempo, com a presença de

um dos personagens desta narração biográfica que, embora letrado fosse analfabeto. Enfim, o acesso a acervos epistolares como os utilizados para este estudo permite ao leitor emoção, conhecimento e reflexão que, compartilhados, vai sempre despertar sentimentos e conhecimentos novos.

## Referências

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e Escrita: Práticas Culturais de linguagem e tessitura de amizade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

CASTILLO GÓMEZ, Antônio. **Grafias no Cotidiano: Escrita e Sociedade na História (séculos XVI a XX)**. Trad. De Cristina do Rego Monteiro e Fabiana Calixto. Rio de Janeiro: Eduerj; Niterói: Eduff, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. As narrações centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existência singular-plural. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 17-30, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/228>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MORAES, Walfrido. **Jagunços e Heróis**. 5.ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/ Assembleia Legislativa da Bahia, 1997.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. **Fundamentos da Pesquisa Histórica**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

SILVA, Nilce da; COSTA, Patrícia Cláudia da. Autobiografização mútua na pesquisa sobre a forma de professores por meio da história de vida: algumas considerações epistemológicas. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 51-66, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/228>. Acesso em: 2 ago. 2022.

RUFFATO, Luís. **De mim já nem se lembra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11.ed. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

Recebido em: 25/08/2022

Revisado em: 20/11/2022

Aprovado em: 26/11/2022

Publicado em: 15/12/2022

**Alan José Alcântara de Figueiredo** é mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor de Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia. *E-mail*: [alanjosaf@yahoo.com.br](mailto:alanjosaf@yahoo.com.br)